

Rumo à autonomia

Os empresários das principais cadeias produtivas do Distrito Federal são críticos: estabeleceram-se na região por pura teimosia, inicialmente sem incentivos do governo e sem trocar informações com colegas do mesmo segmento. "Havia o medo da concorrência. Tratávamos uns aos outros como concorrentes, ao invés de colaboradores. Isso mudou nos últimos anos, com o auxílio do governo. Foi quando começamos a expandir nossos negócios", resume o empresário José Luiz Dias Fernandes, que representa um segmento em franca expansão. Ele é presidente do Sindicato das Indústrias de Madeira e do Móvel de Brasília (Sindimam).

Em 1999, sob a coordenação do sindicato, foi realizado um diagnóstico do setor. Percebeu-se uma infinidade de problemas na produção e na qualidade dos produtos locais. Os empresários, então, procuraram assessoria técnica de entidades como o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-DF) e o Serviço Nacio-

nal de Aprendizagem Industrial (Senai). Além disso, a maioria das empresas moveleiras funcionava em fundo de quintal, o que inviabilizava seu crescimento.

"Com a ajuda do governo local, conseguimos realocar as que estavam mal instaladas para as Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADEs), especialmente em Ceilândia, Águas Claras e Gama", conta José Luiz. Assim, as 50 entidades filiadas ao Sindimam (são 180 no ramo no DF, gerando 3.500 empregos) tornaram-se micro e pequenas empresas, expandindo seus negócios. Ao todo, existem 18 ADEs no Distrito Federal, abrigando desde micro até empresas de grande porte, dos mais diversos segmentos. Todas participam do Programa de Desenvolvimento Econômico, Integrado e Sustentável do Distrito Federal (Pró-DF), que já congrega 4.281 empresas e movimentou mais de R\$ 1 bilhão (veja quadro abaixo).

No entanto, há setores que reivindicam espaço próprio. É o caso das empresas de

tecnologia da informação e biotecnologia. Elas querem a criação de um parque tecnológico no DF. No próximo dia 30, em evento na sede da Federação das Indústrias (Fibra), o Sindicato da Indústria da Informação (Sinfor-DF) entrega às autoridades locais o documento "Diretrizes Funcionais para o Plano do Parque Capital Digital". O presidente do Sinfor, Antônio Fábio Ribeiro, ressalta que a área destinada ao empreendimento (de 120 mil hectares, próximo à Granja do Torto) já foi aprovada pela Câmara Legislativa. Agora, só falta o governo iniciar as obras de infra-estrutura.

"As empresas do setor trabalham com informações sigilosas, precisam de área específica, dotada de infra-estrutura, como cabeamento óptico e segurança, para produzirem com eficiência", justifica, apoiando-se nos números do setor para reforçar a reivindicação. Em todo o DF, há 1.024 empresas atuando em tecnologia da informação e biotecnologia. Juntas, elas empregam 25 mil profissionais e fa-

turaram, em 2002, R\$ 2 bilhões. Só a área de telecomunicações agregou R\$ 6 bilhões à riqueza local no ano passado.

Para o presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal, Aldemir Santana, empresas de todos os segmentos produtivos do Distrito Federal vêm trilhando o mesmo caminho. "As micro e pequenas estão se organizando e se ajudando mutuamente, procurando os incentivos governamentais. As médias e grandes têm organizado consórcios para baratear os custos da produção e vender para outros estados e também para o exterior", explica ele, que, juntamente com representantes da Federação das Indústrias, da Câmara de Dirigentes Lojistas, da Associação Comercial e do Sindicato Rural, participa há mais de ano do Fórum do Setor Produtivo do DF. "Todos nós queremos que a cidade melhore seu desempenho econômico, transformando-se, futuramente, num grande centro de produção e desenvolvimento", conclui. (AHP)